

a VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
P.e JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração provisórias: Residência parquial de Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:
Dr. JÚLIO OUTEIRO ESTEVES

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15\$00
ANO III

MELGAÇO, 1 de Dezembro de 1948

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
No 14

Ainda e sempre

o combólo para Melgaço

Cá estamos novamente na primeira linha da barricada do regionalismo, a proclamar, a solicitar, a querer a união de todos os melgacenses dignos deste nome, em prol do nosso caminho de ferro.

Quando em Setembro do ano transacto, desfaldamos e agitamos a bandeira do baírrismo, tínhamos a certeza que não faltaria quem apoiasse a nossa ideia, conjugando esforços junto da Edilidade Municipal, para a realização daquilo que vem sendo um sonho e que se irá converter na mais consoladora realidade.

Foi portanto com imenso prazer que lemos no último número de «A Voz de Melgaço» o interessante artigo «Do Alto de Pernidelo», de amável confrade, que não conhecemos.

Por um fenómeno estranho de transmissão de pensamento, escreviamos artigo análogo, que o Acaso juntou na mesma quarta página regional, procurando do fazer a mobilização de forças e lembrando a con-

veniência de se vir aqui, à Capital do Império, solicitar aquilo a que temos direito, que é um acto de JUSTIÇA INTEGRAL, ao mais longínquo Concelho do extremo norte do Paiz.

Muito e muito bem, prezado confrade, que além de vir a aumentar o ódio clamoroso em favor do nosso caminho de ferro, veio também lançar a luz da história sobre o mesmo problema, esclarecer a mesma tese! Seja benvido à nossa arena, na esperança e talvez quasi certeza de desgostos que nos esperam!... O problema número um do Concelho de Melgaço, carece de apoio de toda a gente, sem distinção de cores e de credos, sem abdicções de ideias ou princípios. Se nada se conseguir — o que não cremos — fique ao menos para amanhã a certeza absoluta de que houve quem saísse a terreiro em prol da colectividade do comércio e da indústria, e não movidos por interesses pessoais ou comensais, amidades ou partidarismos.

Sabemos que o mais Alto Magistrado do Distrito nos apoia e se esforça pela realização de tão magno problema de interesse vital para a nossa vila e concelho, pois ninguém poderá negar que muito do seu viver primitivo não seja função da falta da rede ferroviária. Ao evocar-se a formidável manifestação dos arganilenses para o mesmo fim — com a sua Casa Regional ao lado dos seus organismos mais representativos, podemos ter a certeza que a NOSSA, a que nos representa nesta cidade de Ulisses, não desertará. Alegremente responderá à chamada e abrirá de par em par — com franqueza e amizade minhotas — aos seus conterrâneos e amigos, as suas portas e os seus braços. Vamos mais longe e não hesitamos em transcrever de «O Seculo» de 9 do mês findo, a seguinte notícia:

«Começaram os trabalhos de construção da linha férrea

(Continua na 2.ª página)

Tremor Cartas de longe...

Na madrugada de 18 todo o concelho de Melgaço foi violentamente sacudido por um grande tremor de terra, que felizmente não ocasionou desastres.

Foram no entanto muitas as pessoas que se levantaram aos gritos de socorro.

Este tremor de terra foi vivamente sentido em todo o norte, mas também felizmente sem consequências. Em Barcelos, Fafe, Penafiel, Paços de Ferreira, e Paredes, o tremor de terra foi pavoroso e as populações abandonaram as casas.

Em várias terras os cães na altura do sismo, correram para junto dos seus donos, latindo.

Noutros, as camas pareciam barcos, a balço-

PANASQUEIRA, 20 — Ante-ontem, fui ao Bairro operário. Para quem não conheça as Minas, isto significará que o vosso criado se viu forçado a longo passeio, teve de estender as pernas, andar. Mas não! Permitam-me breve explicação. A Empresa compreende 3 sec-

ções; Panasqueira, Barroca e Rio.

A primeira é a sede, a Mãe. Aqui principiaram as Minas e aqui estão instalados os serviços centrais da Companhia.

A segunda é uma secção mais nova que desenvolveu imenso, sendo sob o ponto de vista técnico a de mais movimento.

No Rio estão instaladas a vasta Lavaria e as oficinas de reparações.

Cada uma delas, porém, é um aglomerado muito unido, constituindo três lindas aldeias, com as suas casinhas brancas a alvejar. O meu passeio, por isso, não teve nada de extenuante.

Peruei em papel e lapis e resolvidó a fazer uma óptima reportagem para a «A VOZ DE MELGAÇO»

sai com animo e disposi-

(Continua na 3.ª página)

José Rodrigues

Foi contemplado com uma bolsa de 700\$00 esc mensais o nosso prezado conterrâneo e amigo, Sr. José Rodrigues, de Fiães, talentoso aluno da Universidade de Coimbra, que no nosso meio já se impôs pelo seu primoroso caracter e fundas convicções religiosas.

Ao querido Amigo um abraço de parabens.

«Eu sou a Virgem da Revelação»

Aparição de Nossa Senhora em Roma em 12 de Abril de 1947

Fala-se em alguns jornais estrangeiros de uma nova aparição de Nossa Senhora, que se deu na cidade eterna. A Santa Igrreja, como é natural, mantém-se em reserva a respeito de tais acontecimentos, nisto poder haver enganos. No entanto, no caso que vamos relatar, os seus representantes demonstram até hoje attitude absolutamente terlarante, de maneira que parece nada haver que exclua a verdade dos factos.

A aparição

Deu-se esta aparição em Tre Fontane, não longe da Basílica de São Paulo. A meia hora de caminho para o sul encontra-se a Abadia dos Trápiticos, ao lado do qual se estende um pequeno bosque de eucaliptos. Foi a esse bosque que se encaminhou no dia 12 de Abril de 1947 (Sábado da semana de Páscoa) Bruno Cornacchiola, de 37 anos de idade e veedor de carros eléctricos. Acompanhavam-no os seus três filhos: Gianfranco de 4 anos e meio, Carlos de 7 e Is la de 11 anos.

Enquanto o pai se sentou num banco, brincavam os pequenos com uma bola. Bruno começou a tomar apontamentos para um discurso, que devia

preparar no dia seguinte e no qual ia atacar a Virgem Maria, chamada Mãe de Deus pelos católicos. Tinha deixado a Igreja Católica em 1942 por ra aderir a uma seta protestante. De toda a sua alma odeava a Igreja, o Papa e o clero; mas particularmente se escandalizava com a devoção a Nossa Senhora.

As crianças perderam a sua bola. Chamaram pelo pai, para que as ajudasse a procurar-la. Este meteu os seus apontamentos no bolso e aproximou-se de uma das grutas que às dezenas existem no bosque.

Mas demos agora a palavra ao próprio Bruno Cornacchiola. Diz ele: Fui lá. O que vi? Gianfranco em contra-se de joelhos na entrada da gruta. As mãos postas, (lha para cima murmurando: «Bella Signora, bella Signora»). Chamo Iella: Vem cá: O que está a dizer o teu irmão? O que lá lá? Não, responde ele. Mas no mesmo instante prostra-se por terra, ficando na mesma posição e b-lucian-do as mesmas palavras que Gianfranco. Carlos: Dize-me o que lá se passa e que brincadeira é esta: Não sei nada, responde a criança; mas ei-la também de joelhos, repetindo: Bela Senhora, bela Senhora.

Este episódio. Tenho a impressão como se duas mãos possassem e bra-

os meus olhos, fazendo cair um véu. Uma luz forte ilumina a gruta. No meio aparece uma figura celeste, de altura média e clássica beleza. Cabe los pratos caíem sobre os ombros. Está vestida de branco, traz uma faixa, e um manto verde chega-lhe até aos pés, que estão nus. A aparição tem as mãos sobre o peito, sustentando com a direita um livro. Sorri serenamente e aponta com a esquerda para baixo. Neste instante vejo aos seus pés uma cruz partida. Voltando a mão para o peito diz:

«Eu sou aquela que se encontra no seio da SS Trindade. Eu sou a Virgem da Revelação. Tu me persegues. Mas agora basta. Entra no santo re-dil, na corte celeste sobre a terra. As nove 6.as feiras em honra do Sagrado Coração, que fizeste solvarum te.»

A aparição falou com ele, quase 87 minutos como mãe carinhosa, ins-truindo o sobre Maria desde o principio da sua existência nos pensamentos de Deus até ao fim da sua carreira mortal, a sua assunção ao Céu.

O meu corpo não se decompõe, não; era incapaz de desfazer-se.»

Ela elogiou a criação, chamando-a «uma seta divina», que, partindo dos lábios do cren-te, entra no Coração de

(Continua na 3.ª página)

Na cabana

No passado domingo, efectuou-se na capela da Cabana, o baptizado do menino Hermenegildo José Solheiro, filho estremeado dos Srs. Armando da Mota Solheiro, distinto funcionário da nossa Câmara e de sua Ex.ma esposa, D. Maria Augusta Esteves Solheiro.

Poram padrinhos os irmãos de D. Maria Augusta, Sr. José Esteves e D. Alice Esteves Rodrigues.

Estiveram presentes a esta solenidade muitos amigos da Família, a quem foi servido um fino copo de água.

Ao querido Hermenegildo, que nos lembra a grande figura de seu avô, Hermenegildo José Solheiro, desejamos muitas venturas, numa vida cheia de prosperidades.

PELA NOSSA TERRA...

DA VILA E ALDEIAS

PELA VILA Rouças, 22

Notícias da quinzena

Já terminou há dias o calcetamento da Rua da Calçada; agora estão a ultimar os passeios em cimento. Fica uma linda rua.

Agora só importa que todos os prédios condigam com a sua beleza. Na verdade poucas vilas conhecemos que tenham uma artéria tão direita e tão bem disposta: E' ver o efeito das Procissões ao passar por ela.

— Se à Estrada da Orada tirassem as duas contra curvas (junto à fonte de S. Julião e à entrada da Assadura) ficaria a estrada mais encantadora que eu conheço.

— E já que falamos nisso, quando se resolverá o caso da perigosa ponte da estrada no Rio do Porto (de cima)?

Certamente só quando se der ali algum desastre mortal!

Foi preciso que se dessem tantos desastres nas

passagens de nível (como em Viana e em Ferreiros — Braga etc) para se resolver esse momentoso problema. Pois vale mais prevenir que remediar.

E a Entrada do Rio do Porto (a entrada directa para a Vila)?

Se houvesse dinheiro e boa vontade da parte de todos, inclusivé daqueles a quem tocava as expropriações, como esta Vila se tornaria a mais linda de Portugal! Em situação geográfica, penso que nenhuma a vence.

— Também alguns prédios tem sofrido grandes reparações, como aquele grande, que era do Bernardo Cunha e hoje pertence ao Sr. António Augusto do Paço, e em cujos baixos está o moderno Café Melgacense e a Adega Regional. Que todos os que podem façam obras para bem da terra.

Parada do Monte, 22

Casamentos — Concorriam-se no dia 15 o sr. Justino Esteves, do lugar do Perreiral, com a sr.ª Dorinda Afonso, do lugar da Trigueira, e o sr. Manuel Rodrigues com a sr.ª Maria Rosa de Barros, secretária da Acção Católica, desde a sua fundação nesta freguesia.

A missa foi cantada por todas as jactistas, os quais, comungaram em acção de graças pelos noivos. Pinda a missa, foram os noivos acompanhados de todas as jactistas e os mais convidados; a casa da noiva onde lhes foi oferecido a todas as jactistas um pequeno almoço, sendo na mesma ocasião oferecido à noiva um quardá do Sagrado Coração de Jesus.

Em seguida foi oferecido em casa dos pais dos noivos um lauto banquete a todos os convidados, no fim do qual brindou a sr.ª Glória de Jesus Esteves, presidente da Acção Católica, a qual fez o elogio dos noivos desejando para os novos lares, uma

vida cheia de venturas e uma perene luz de mel.

— No dia 11 deu à luz uma menina a sr.ª Maria Pereira, esposa do sr. Manuel Pires, do lugar da A. Grande.

Princípio de incêndio — No dia 15 houve um princípio de incêndio em casa do sr. Oliveira Afonso, da A. Grande, que felizmente não teve consequências de maior, devido à presteza com que os Bombeiros Voluntários da terra compareceram com baldes de água que logo extinguiram o incêndio.

Tremor de terra — No dia 17, pelas três e meia, sentiu-se um forte tremor de terra, que felizmente não causou estragos pessoais nem materiais.

Falecimento — Faleceu a sr. Maria Fernandes do lugar de Cortegada. A família em luctada enviámos as nossas sentidas condolências.—C.

Loduvina Martins
Dentista

Consultas em Monção todas as Sextas e Sábados.

Encontra-se entre nós o sr. José Durães, digno funcionário da Polícia em Lisboa.

O nosso abraço.

— Chegou a esta freguesia, no gozo de bem merecidas férias, o nosso conterrâneo, João Baptista Alves, zeloso guarda fiscal no Alentejo. Daqui abraçamos o nosso estimado assinante e amigo.

— Também aqui estiveram, há dias, o sr. Delegado Escolar e os srs. José Esteves e Armando Solheiro, distintos funcionários da Câmara, que vieram inspecionar a nova dependência da escola feminina.

— No pretérito domingo, foi a Santa Rita um grande número de devotos, acompanhados pelo pároco, onde se rezou o terço, acompanhado de cânticos. No fim, a sr.ª Angelina Aires, da Costinha, ofereceu um lauto magusto às raparigas da Juventude.

— Também no passado domingo, foram baptizadas nesta freguesia 2 meninas, uma do sr. Luiz Vaz, de Loviô, outra do sr. José Augusto Soares, da Aldeia um menino, filho do nosso estimado assinante, sr. Armando Rodrigues, de Corções e sua estremosa esposa, sr.ª Beatriz de Jesus Esteves. Foram padrinhos os srs. Professor Manuel José Rodrigues e Aurora Rodrigues, distinta aluna do liceu de Coimbra.

— O quarto baptizado foi na Cabana, do filhinho do nosso estimado amigo, sr. Armando da Mota Solheiro e sua gentil esposa D. Maria Augusta Esteves. Foram padrinhos José Esteves, muito digno funcionário da Câmara e sua irmã D. Alice.

— Faleceu no Porto o nosso querido assinante José Valeixo, de Surribas. O seu funeral foi muito concorrido.

— Chegou a esta freguesia, vindo da França, o nosso bom amigo, sr. Manuel Alves, do Fecho. Um abraço de boas-vindas.

— Na próxima segunda-feira é a romagem da freguesia ao cemitério. Há ver a confissão e missa pelas almas.

— Esteve nesta freguesia e já retirou para Lisboa com sua esposa o nosso

A SAMARITANA

DE

Hilário Alves Gonçalves

PRAÇA DA REPUBLICA — MELGAÇO

(Casa fundada em 1927)

Lanifícios para fatos de homem; Fazendas de lã e de seda, para vestidos e casacos de senhora; Fantasias e tecidos de algodão das ultimas novidades; Camisaria; Gravatas; Chapeus Guarda-sois; Calçado para homem, senhora e criança; Malhas e Miudezas; Perfumarias e artigos de Beleza; Brinquedos e Bijouterias; Artigos eléctricos e T. S. F.; Papelaria e artigos para escritório; Confeitarias; Mercarias; Vinhos finos e Espumosos

Correspondente da Companhia de Seguros «Tranquilidade»
— Encarrega-se de instalações eléctricas —
A máxima seriedade nas suas transacções.

Ainda o combólo para Melgaço

(Continuação da 1.ª página)

Por que não?

entre Cabeço de Vide e Portalegre — Cabeço de Vide, 8 — Principiamos ontem, nesta localidade, os trabalhos de construção do troço ferroviário entre Cabeço de Vide e Portalegre, que ligará as linhas da Sul e Sueste e de Leste, contando se que, em curto prazo, seja posto ao serviço esse importante troço. Vai, finalmente, ser uma realidade essa antiga aspiração regional, que foi tantas vezes debotida na Imprensa e no Parlamento».

—o—

Como vemos, o Governo da Nação, não só não descura o problema do reapetrechamento de material fixo e rolante, como também constrói indo ao encontro do interesse das colectividades e dos povos. Sendo assim

amigo sr. Manuel José Alves, distinto marinheiro do «Afonso de Albuquerque».

— O tempo vai lindo e a matança dos suínos já começou decidida e decisivamente.

Quando organizamos a nossa parada de solicitação junto Daqueles que tem rasgado estradas, construído portos, pontes, apetrechado a industria, elevando o nível moral, material e intelectual da Nação?

A própria crise agrícola com que o concelho se debate, há de continuar, enquanto os seus produtos tiverem de sofrer o ónus pesado de transporte até Monção, cabeça de rede ferroviária. Os prezados confrades que tanto têm pugnado nestas colunas pelo engrandecimento agrícola da região, encarem esta solução, principio primordial daquela que pretendem atingir. Comércio, industria e agricultura, não podem atingir a meta desejada e Melgaço não deve continuar a ser eternamente uma região de fronteira o que aproveitada parcela e nunca ao todo, ao colectivo. Política local é esta que acabamos de expor, presentemente, e nenhuma outra, porque — não tenhamos ilusões — é nula ou quase nula a projecção de

(Continua na 3.ª página)

Cartas de longe... Notas do meu caderno...

(Continuação da 1.ª pága)

ção para esta empresa: percorrer todas as ruas, bater a todas as casas e inquirir se em alguma delas vivia gente de Melgaço. Pretendia, com isto, não ser enganado, para não enganar, não cair em mentir, porque neste caso eu teria de pedir desculpa a Melgaço de não ser leal, e um jornalista deve ser, primeiro que tudo, verdadeiro.

Mas, na verdade, teria fôlego para tamanho empreendimento? Poderia eu, a quem o tempo nunca chega, perguntar e ouvir, talvez, mais de 1500 inquilinos? Sem dúvida que não! Em face disto, desisti, e desculpem-me os lei-

tores se, desistindo, os privei de se divertirem com este caso interessante: um reporter barato, munido de papel e lápis, fazendo mil perguntas importunas e atrevidas e recebendo mil respostas idiotas ou disparatadas.

Abandonando este projecto, restava-me apenas uma solução; o ficheiro da Companhia. Ali, de facto, poderia colher todos os informes, sem cansar as pernas, nem secar a língua. Atirei-me, pois, à obra e, com muito empenho, folheei e revolvi o ficheiro enorme, à cata de algum nome de melgaçense.

Assim descobri que actualmente, trabalham, nestas Minas, rapazes de S.

(Continua na 4.ª página)

O combóio para Melgaço

(Continuação da 2.ª página)

acontecimentos político-individuais das terras pequenas de província no local onde se olha mais para a frente, para horizonte mais largo mais nobre, horizonte da OBRA DO ESTADO NOVO.

Lisboa, 9 11 1948.

A. Varela e Seixas

Cortejo de oferendas

O cortejo de oferendas, realizado nos Arcos de Valdevez, levou ao hospital cerca de 500 contos. Só a vila deu 55.000\$00,

O fiel amigo...

Parece que o fiel amigo, Sua Ex.ª o Bacalhau, vai ser sujeito a novo tratamento na sua distribuição, a ver se chega para todos...

UMA UNIVERSIDADE — Entre as grandes Universidades da Europa, encontra-se uma de avançadas proporções: a de Milão, na Itália.

O seu Reitor é um antigo médico, de fama universal, pelos seus trabalhos de investigação nos campos da Psicologia experimental. Era ateu. Mas era sincero.

E quando há sinceridade e se descobre o problema religioso, chega-se sempre ao fim, à conversão.

O Dr. Gemelli converteu-se e hoje, com ser o reitor da grande Universidade de Milão é um humilde franciscano.

E não nos admiremos, que Guerra Junqueiro, ao principio militante convicto nos arraiais anticatólicos, pediu também o amortalhassem num hábito de S. Francisco...

Mas essa Universidade de Milão é na verdade, grande: — tem 7.000 alunos e 800 professores. A sua biblioteca ainda recente conta 300.000 volumes e recebe 2.550 revistas. Edita uma revista de Direito, três de cultura geral e cinco de especialidade científica. Em 1940, publicou 300 volumes.

E agora, um pormenor interessante: na capela da Universidade há sempre grupos de alunos e pro-

fessores em adoração a Jesus-Eucaristia, solenemente exposto.

Sustentam-na os católicos da Itália e podem justamente orgulhar-se dessa famosa metrópole do pensamento.

—o—

UM PRESIDENTE DA REPÚBLICA. A Suíça é um dos países mais progressivos desta velha Europa, das grandes catedrais e dos mais altos voos do pensamento.

O seu Presidente é um antigo aluno dos padres salesianos e fervoroso católico.

Há pouco, mandou aos seus antigos mestres de colégio o seguinte telegrama:

Rev.mo Padre :

As felicitações que leve a bondade de me enviar em nome da benemérita Congregação Salesiana, comoveram-me profundamente e serviram para manter sempre mais íntimos os vinculos que me ligam aos Filhos de São João Bosco, meus inolvidáveis mestres
Seu devotado e afeiçoadíssimo

CÉLIO

—o—

UMA VOZ QUE SE

APAGA? — Foi preso, agora há dias, o Secretário de Sua Eminência o Cardeal Mindsenty, da Hungria. Tudo faz prever que a voz desse grande valente e velho poucos dias tenha para falar livremente... pois são já muitos os sacerdotes que os comunistas prenderam.

Admiramos comovidamente a valentia deste cardeal, que ainda há pouco, impressionou o mundo, quando da ida à Roma dos cardeais de todos os continentes para ali receberem o chapéu cardinalício.

Chegou tarde e pobre... A perseguição religiosa na Hungria é já a alvorada da vitória: — «sanguine de mártires, semente de cristãos».

O mundo pode ver assim que as maiores colunas de resistência, indomitas e invencíveis em todo o mundo, contra uma das maiores vergonhas de todos os tempos, o comunismo ateu, é a intrepidez da Igreja, a invencível.

—o—

UM CONVERTIDO: — Grande se não pela já hoje grande cultura, ao menos pela primorosa riqueza dum temperamento de luta dor, Henrique Matorras, foi em 1930 nomeado Secretário geral do comi-

(Continua na 4.ª página)

Deus. Prometeu-lhe fazer milagres com esta pecaminosa terra para a conversão dos pecadores». Referiu-se à terra da gruta. Disse também:

«O sacerdote, que te saudar: Aos Maria, meu filho; indigere-te a outro sacerdote, a quem deves confessar-te. Outro, dir-te-á: Sinto-me atraído por si etc. Este deve acompanhar-te ao Santo Padre, quando tiver chegado o momento de lhe falares e de lhe entregares a tua bíblia».

Ela lhe predisse inimizades e contradições, mas assegurou-lhe também o seu maternal auxílio na hora de maior provação quando ele estiver abandonado por todos.

Cornacchiola disse também: «Ela me falou ainda de muitas coisas, que por enquanto não posso comunicar. Parte da mensagem celeste foi para mim, outra para o povo, outra para o Santo Padre. A mãe de Deus insistiu em que se devia muito rezar, sobre tudo o tempo diário, pela conversão dos pecadores e incrédulos, como também pela união entre os povos cristãos. A relectão do tempo ligo grandes promessas.

No fim a aparição sorriu mais uma vez, deu dois passos atrás, e ficou se e desapareceu.

Conversão de Bruno Cornacchiola

Desaparecendo a bíblia Senhora, precipitou-se o pequeno Carlos contra a parede da gruta. Querida ainda opanhar o manto verde da Senhora. Mas

“Eu sou a Virgem da Revelação”

foi em vão, as suas mãoszinhas apenas tocaram o rochedo. Um forte odor agradável embalsamava a gruta. «Viste? Era a Madona» disse então o Pai aos seus filhos, que estavam ainda impressionados com a visão atadora.

Como cunhara Saulo ante Damasco, ficou Bruno Cornacchiola em Tre Fontane completamente convertido.

Voltou a crer e que ensina a Igreja e genera N. Senhora. Ele apertou as suas impressões sobre a mesma folha, em que tinha começado a escrever as blasfêmias contra Maria.

No rochedo fixou os olhos: «Nesta gruta apareceu no dia 12 de Abril de 1947, a Virgem da revelação ao Protestante Bruno Cornacchiola». Em seguida dirigiu-se com os seus filhos à próxima Igreja da Abadia.

Apontando o Tabernáculo disse aos seus filhos: «Lá está. Ela, sim: e lá, está lá dentro». Respiro: E dos lábios incandescentes das crianças saíam agora setas douradas para o Coração de Deus.

Chegando a casa, a sua mulher Lolanda ficou surpreendida pela sua atitude, agradavelmente mudada. O seu nude morido se tinha transformado em cordeiro. «Vimos a Madona, Mãe» — exclamaram as crianças, e o pai conta o sucedido entre lágrimas. Le vado por ele também Lolanda se tinha separado da Igreja.

(Continuação da 1.ª pága)

Decorridos 16 dias, Bruno afinal encontrou aquele sacerdote, que o saudou: «Ave Maria, meu filho» como lhe tinha predito a aparição. Era o seu antigo pastor. Em 7 de Maio de 1947 reencontrou-o, juntamente com a sua mulher e os dois filhos mais o filho na Igreja católica; o pequeno Gianfranco, já baptizado no dia 18 de Maio. No mesmo dia recebeu Isabel a La Comunhão. Bruno tornou-se um cristão zeloso e praticante: exerce o seu sermão conscienciosamente e supõe sem respeito humano o ódio e as perseguições dos seus antigos companheiros protestantes e camaradas comunistas.

Quando um antigo colega por desprezo lhe cuspiu na cara, disse-lhe apenas: «Eu não tenho de não me ter feito isto alguns meses antes». Frequentemente passa a noite inteira em oração na gruta de Tre Fontane.

Viu mais três vezes a SS.ª Virgem, que o felicitou com um sorriso maternal. Na 4.ª aparição disse-lhe: «Vai dizer às mãezinhas queridas filhas as Mestras Pie Filippini, que rezem pelos incrédulos da vizinhança».

Bruno não sabia, que aqueles Religiosas (fundadas por Lúcia Filippini que morreu em 1732) dirigiam um colégio no fim da rua. Uma mulher

lho disse Mais tarde pode confiar-lhes os seus três filhos.

O novo Santuário de peregrinação

A notícia da aparição em Tre Fontane, foi publicada pela 1.ª vez nos jornais de Roma em principio de Junho, e bem depressa começaram as peregrinações ao novo Santuário. O que despertou particular entusiasmo foi a notícia da aparição da Virgem da Revelação (vergindelle rivelazione) foi o primeiro grande milagre, operado num homem de 36 anos de nome Carlos Mancuso e residente na via Bucinazza 18, de Roma. A sua cura foi examinada detalhadamente descrita pelo Doutor Giuseppe del Duca. Vítima dum grave acidente, aplicaram-lhe a terra da gruta, e instantaneamente sentiu-se restabelecido e voltou a trabalhar.

A aparição tinha dito a Bruno: «Com esta terra pecaminosa operarei milagres pela conversão dos incrédulos (terra pecaminosa é profundamente uma alusão a actos graves que tenham sido cometidos naquela gruta) Até 16 de Novembro de 1947, já se registaram 192 milagres.

Confiam os Trapistas de Tre Fontane, que os milagres da gruta operados nas Almas são ainda maiores e

mais numerosas. Esses sacerdotes devem agora passar horas e horas no confessional.

Em 14 e 15 de Agosto de 1947 celebraram-se os primeiros actos de culto na gruta. Às 2 horas da manhã, uma multidão encaminhou-se em procissão para lá, onde foi preparado ao ar livre um altar, e colocada a numero dos confessionários, que foram cupos dos durante muito tempo, e sem interrupção, sobretudo por homens.

Em 8 de Setembro do mesmo ano, ir à gruta, partindo da Basilica de S. Paulo, uma procissão de vias, em que tomaram parte Carlos Mancuso e outros miraculados. Houve numerosas Comunhões. O mesmo deu-se na festa do Santo Nome da Maria.

Na festa do Rosário, levou-se em procissão à gruta a imagem da Virgem da Revelação feita pelo artista Domini Ponzi, segundo as indicações de Bruno Cornacchiola, 6 cavalos brancos puxavam o coche real de prata, onde vinha a imagem. A procissão vinha de S. Pedro, passou pelo Corso Vittorio Emanuele, sobre a Piazza Venezia até S. Paulo e Tre Fontane. Calcula-se o número deromeiros em meio milhão.

O primeiro número do jornal «Voz della Tre Fontane», faz votos para que Pio XII, sendo já o Papa da Madona de Fátima e tendo consagrado o mundo ao Coração Imaculado de Maria, tenha a consolação de ver esquecer-se em Roma um novo farol, nascido uma nova fonte de milagres capazes de reconduzir os incrédulos errantes a Deus e a uma verdadeira vida cristã.

Da «Irmã Maria» — Mensário

Cartas de longe...

(Continuação da 3.ª página)

Paio, de Rouças, de Padre, de Couso, de Cubalhão, etc. Paio leva a palma a todas. É a irguesia que mais homens tem enviado para aqui.

Bem merece, porisso, que entre tantos, mencione os nomes de três. São eles o Augusto José Flores, o Inocência Augusto Vaz e o Vitoriano Soares Calheiros. O Flores é um hábil marteleiro, muito conhecido. Veio com os primeiros e por cá tem mourejado, conseguindo amearhar um pecúlio. O Inocência é o tipo característico do melgacense.

Sempre bem disposto, não pretende chegar a marteleiro, embora se ganehe mais. Contenta-se como simples operário do exterior, porque nas horas vagas é barbeiro e *indiretista* e como indireta ganhou fama.

Apesar de tudo, pensa e teima em ir para o Brasil! Eu sei. Não vive ainda satisfeito e conheço-lhe a vontade que traz de arranjar mais outro officio. Seja como for, este rapaz é simpático e eu não posso esquecer aquela noite, em que o vi pela primeira vez, a cantar e a dançar a Jota lá no Bairro.

Do Victoriano nada poderemos dizer, sem o apresentarmos como um artista. Melgaço deve agradecer-lhe o talento. Quando sai à rua acompanhado do seu banjo, e nunca sai sem ele, logo reúne multidão enorme, deseioso de ouvi-lo. Homero, na Grécia antiga, não juntaria mais, quando cantava os feitos de Tróia, porque os seus dedos são prodigiosos a dedilhar o instrumento. Pena é que este rapaz não seja aproveitado, pois em qualquer grupo musical faria figura.

O banjo é uma recordação de Lisboa. Lá aprendeu a tocar e de lá o trouxe. Depois disto poderemos afirmar, com razão, que Melgaço está bem representado por estes homens. Sabem trabalhar e divertir-se. Quantas vezes, já no meu quarto deitado, eu os ouço passar em rancho, entoando, ao som da concertina, cantigas da terra, onde nasceram, cantigas que mais avivam a saudade, esse delicioso pungir de acerbo espinhol

Augusto Domingues



XXXII — Castro Laboreiro

TEVE FORAL DE D. SANCHO

Vimos nos dois artigos anteriores as apreciações e o resumo do foral de Afonso Henriques a Castro Laboreiro. Frei Klin e Baptista Lima não fazem qualquer referência a esse foral.

Não podemos admitir a autenticidade do foral do nosso primeiro rei tal qual o apresenta Louzada, mas não repugna que o tenha dado. Já por ter passagens do de Rbadávio (Galliz) que foi concedido pelo mesmo rei a Melgaço, já porque os tributos são diminutos como acontece com o de que vou falar.

D. Sancho I, filho de D. Afonso Henriques teve o cuidado de garantir a continuação do Reino que seu pai lhe legou.

Procurou episcisar as terras oban donadas, pelo vai vem das guerras, principalmente a sul do reino, e não descurou o estado das fortalezas que defendiam os limites do jovem Estado.

Visitou o norte de Portugal em data que não posso precisar, c mo se depreende do relato das Inquirições de D. Afonso III, e esteve em Melgaço, sendo possível que subisse a Castro Laboreiro a examinar o estado da allaneira fortaleza.

Da sua passagem por Melgaço fa-lorei em ocasião oportuna.

A Castro Laboreiro concedeu foral bastante liberal, cujo original se extraviou não aparecendo em qualquer registro de documentos antigos.

Quelquer referências Baptista de Lima em «Terras Portuguezas» menciona o.

Conhecemos este foral pelas Inquirições de 1258, levadas a feito por determinação de D. Afonso III para apurar dos títulos de privilégios que as terras e diversas entidades, eclesiásticas e civis, se arrogavam.

Nessa altura, quando a Alçada Recl chegou a Castro Laboreiro, os gandes da terra, depois de fazerem o juramento do prexe, disseram que a Igreja era do Padroado Recl e mostraram a sua Carta de foral concedida por D. Sancho I.

Os Inquiridores anoteram as prerrogativas desse documento e mais nada fizeram constar.

Há para el quem diga que Castro Laboreiro foi terra de refúgio para criminosos. Tal não podia ser a face do citado foral. Ao passo que os forais de D. Afonso III a Melgaço e a Illorção concediam vários regalias a quem se escolhesse a s us termos, este de Castro Laboreiro apenas regula o viver das seus habitantes. Os crimes maiores eram punidos com multa sobre todos os maradores e não apenas sobre o criminoso. Lógico bastante acertado, porque muitas vezes os crimes perpetram-se por vicatamento, outras vezes por falta de cuidado da parte dos vizinhos.

Quantas vezes acontece que alguém inicia outro a matar e espartar o seu inimigo...

Se, pelo sistema usado nesses tempos recuados, a multa recrisse sobre todos os vizinhos do criminoso, dar-se-ia o contrário. Quando a gente sabesse que alguém pretendia levar a cabo qualquer daqus les crimes, com receio de ter de pagar o que outro fazia, aconselhava o seu vizinho a... ter juizo, porque senão «nã somos amigos».

Este já vai longo. Na próxima vamos apreciar o dito foral.

BERNARDO PINTOR

Todo o bem melgacense deve assinar e anunciar em «A VOZ DE MELGAÇO».



A extensa Veiga de Lamas

Notas do meu caderno...

(Continuação da 3.ª página)

reia de Oliveira, glória da poesia portuguesa.

Melgaço, 22-XI-948

té central da Juventude Comunista espanhola. Trabalhava muito e lia sempre. Sempre que tinha momentos de vago.

Quase não havia em toda a Espanha revistas ou jornais do partido, que não levassem artigos do Secretário Geral. Nos comícios e nas tribunas a sua palavra de fogo eram vagalhões de ódio contra a Igreja.

Esteve em muitas prisões; sofreu muito. Mas era um sincero.

Até que depois de longa e penosa viagem pelas províncias do desespero, do ódio, da dúvida, chegou ao fim, ao seio da Igreja, onde hoje trabalha com toza a riqueza da sua grande alma de lutador.

É hoje um dos grandes militantes do sindicalismo cristão.

— 0 —

UM ALTO ESPIRITO

Há para os maiores vultos de projecção mundial, em certas manifestações do pensamento, um grande prémio — O PRÉMIO NOBEL.

Coube este ano, o de literatura, ao grande artista e pensador católico, o inglês Thomas Stearns Eliot.

A título de curiosidade, informamos os nossos amáveis leitores de que também um grupo de portugueses propôs como candidato a este grande prémio, o nosso ilustre compatriota, António Cor-

Grande desastre

Na fabrica de pólvora de Amora, deuse um grande desastre, com a explosão de pólvora, cujo ruído abalou muitas casas e causou pânico em certas ruas de Lisboa. Foram 22 os mortos e bastantes feridos, segundo informação que temos à hora que escrevemos.

Pagamento de assinaturas

Et mos a chegar ao fim do ano e a Administração lembra aos seus queridos assinantes:

- 1) que sem o pagamento da assinatura não se pode ter um jornal bom
- 2) que o pagamento feito a tempo e horas é um dever de todo o assinante
- 3) que o pagamento adiantado se agradece dum maneira muito especial.

Os pagamentos podem ser feitos na Residência Parquial, da Vila de Melgaço, ao rev.do Justino Domingues.

Pagando directamente, sem esperar o aviso de pagamento, economizamos dinheiro. Não esperem, portanto o aviso da Administração.

Muitos assinantes pagaram 20\$00 anooir.

Pedimos a todos os assinantes benfeitores que mantemham a sua generosa oferta.

Desta maneira, a «Voz de Melgaço» continuará a ser o jornal que Melgaço necessita.

a VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
Dr. JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e administração provisórias: Residência parquial de Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga
A V E N Ç A

Chefe da Redacção e Editor:
Dr. JÚLIO OUTEIRO ESTEVES

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15\$00
ANO III

MELGAÇO, 15 de Dezembro de 1948

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 15

Natal... Natal...

Será este número de «A Voz de Melgaço» aquele que precede imediatamente a festa do Natal.

Na nossa terra, acolhendo-se à ternura do lar, reúnem-se todos os parentes em volta da lareira em sentida união de fé e de amor.

Há os que andam por longes terras, e que nesta hora, vivem da saudade e da fidelidade à tradição; há os que apagaram a acha da lareira, porque a sobra da morte gelou os corpos; há os, a quem a doença retém no leito, entre lágrimas e suspiros.

«A Voz de Melgaço» saúda, respeitosamente, te, os que mourejam, longe da terra natal, o pão



NASCIMENTO DO SALVADOR

de cada dia, quer encher as lágrimas dos que choram os que desta vida e foram para a eternidade, entra no quarto dos que sofrem, leva lhes uma palavra irradiadora de paz e de alegria!

Natal.. Natal.. Natal.. Nasceu Jesus e nasceu para todos os homens. «A Voz de Melgaço», desejando a todos os seus amigos boas festas, pede a Deus-Meinho que alegre os corações de todos.

CARTAS DE LONGE...

PANASQUEIRA, 7—Para quantos a boa ou má fortuna arrasta às Minas, quer venham do Minho, quer do Algarve, a última estação do combóio é o Fundão. Esta vila, hoje muito progressiva pois conta várias indústrias, dois colégios e um seminário, deve o seu desenvolvimento, na maior parte, às minas e ao caminho de ferro.

O mineiro, pois, ou empregado, que desembarca no Fundão, com destino à Panasqueira, encontra, logo ao sair da Estação uma das esplêndidas caminhetas da «Auto Transportes do Fundão», empresa importante que, além de outras ligações, faz a do «Fundão-Minas», com 2 carreiras diárias, sempre por lema, estas palavras: «Para bem servir».

— A estrada, em lenta inclinação até meio do percurso, não atravessa uma região encantadora, sobretudo para nós ho-

mens do Norte, habituados às cores vivas, às tonalidades diferentes, à vegetação opulenta. Tem, apesar disso, a sua beleza humilde, despretenciosa, principalmente, no verão, quando as papoilas, em flor, imprimem a esta paisagem, cheia de monotonia, um aspecto alacre e ardente, de vermelho carregado, semelhante a manchas de sangue a tingir, a ruborizar a face desmaida das terras beirões.

A carreira serve várias aldeias, da beira da estrada. A última, antes da Concessão, e Silvares, debruçada sobre o Zézere, sentinela avançada das minas, onde o «Zé Valentin», solcito comerciante da freguesia atende, dia a dia, a 3 onerosas tarefas: o despacho dos numerosos fregueses, os interesses da Companhia e o prestígio do seu «Rancho Folclórico», um dos melhores da Província. A 3 quilómetros, fica a Secção do Rio,

oficialmente *Cabeço do Pião* e este nome fica-lhe bem, pois o Cabeço tem a forma de um pião invertido.

Aqui, não há muito tem
(Continua na 3.ª página)

Eterna saúdade!

Desde o romper da aurora até ao sol pôr, nos altos campanários, bronzeos sinos choram os que tomaram já seus destinos! (Quem sabe?! quais seriam?! Meu Deus! que horror!...)

Pa tiram..! todavia, o infindo amor não se foi: sobre a fria campá meninos, novos e velhos lírios campestinos espargem triturados pela dor...!!

As lágrimas, ao caírem sobre a campá, perpetuam, no imo sepulcral, uma eterna saúdade que se acampa...!

Vão-se!... mas o murmúrio espiritual fica à sombra que a cruz no chão estampa esperando um incerto dia!... Qual?!!!

José Gigante



FREI ADRIANO

concede ao homem, a todos nos levanta...

Tendo o curso equivalente ao liceu e frequentando um estabelecimento

(Continua na 3.ª página)

«A Voz de Melgaço»

deseja a todos os seus prezados leitores, assinantes e amigos as melhores BOAS-FESTAS DO NATAL e do ANO NOVO

Um filho de Melgaço

Acompanhamos com emoção e carinho cada vez maiores a vida de um estudante que sente amor pela ciência e lá vai estudando e subindo... vida fora.

— Quem sabe? —. Aquele rapaz ou rapariga talvez sejam, num futuro próximo, o orgulho e a fagueira esperança da nossa terra.

Talvez sejam mais tarde a voz eloquente e sonora da nossa «pequenina Pátria», a nossa terra, nas alturas do púlpito, da tribuna, da imprensa ou do Parlamento. — Por ali se começa!

Vem aí um punhado de rapazes deste lindo rincão do Minho adorado, de Melgaço, a subir para a vida, simpáticos, estudiosos, e a ocupar os nossos lugares. (Um a um, eles aí vão ficando vagos...)

Entre todos, seja-nos permitido destacar um filho desta vila de Melgaço, que já há alguns anos se

de e de trabalho! Aqui o vimos, pequenino, a correr, a brincar... E mais tarde em calmosas tardes do verão, nas suas férias, surpreendê-lo, encantado, a ensinar doutrina, pequenino missionário! aos filhinhos dos pobres, seus companheiros, e dos ricos seus amigos

E que bem... Que jeito... A sua vocação, a mais alta e sublime que Deus

PELA NOSSA TERRA...

DA VILA E ALDEIAS

PELA VILA

Notícias da quinzena

Depois de uma longa estiagem, veio enfim o inverno:

Fortes ventanias, de carácter ciclónico e por fim, chuvas torrenciais.

— Terminaram há dias as obras na Rua da Calçada, que ficaram bem apresentadas. Agora, por conta dos serviços prisionais, está se fazendo um largo junto ao Senhor de Carvalho de Lobo, a caminho da Cadeia e do Cemitério. — Graças a Deus que a Vila vai tomando novo aspecto.

— Há dias por alturas de Penso, o carro do Sr. António Gonçalves «O Ferreiro» teve um grande embate, do que resultou ficar com a frente esfacelada mas o condutor nada sofreu.

— Pela retirada do serviço da Sr.ª D.ª Ana Magalhães Barros, que por muitos anos exerceu o magis-

tério primário nesta Vila, com invulgar aprumo e dignidade, veio para a substituir o Sr. «Rego» — de Valadares.

— Segundo ouvimos dizer parece que se deu uma bárbara agressão à sacholada, ali para os lados da Carpinteira, do que resultou um homem ficar com uma perna quase cortada.

— O mercado foi impedido pelos contínuos e torrenciais aguaceiros.

— Também por aqui houve grande regosijo no dia da «Imaculada», por ser elevado a feriado nacional; as casas iluminaram-se e os actos do culto e devoções foram muito frequentados.

Nesse mesmo dia foi o baptismo de uma filhinha do nosso amigo Darlindo H. F. Esteves, G. F. e da Sr. D.ª Maria Rêgo, a quem foi posto o nome de Laura Maria.

S. Paio, 11

(ATRAZADA)

Realizou-se, no pretérito dia 2, a romagem ao cemitério. Esteve muito concorrida. Responderam os mortos os rev.ªs Abade, Prior e P.ª Domingues, da Carpinteira.

— Poi entregue ao Presidente da Junta de Freguesia a quantia de 6.000\$00 para conserto de caminhos. Não é muito..., mas vamos indo.

— No passado dia 31, houve um baile na Carpinteira que terminou com grande pancadaria.

Felizmente não há ferimentos. O Baco faz destas coisas...

— No dia 21 do corrente, cerca das 14 horas, chegaram à capelinha do Regueito, provenientes de Santa, uns romlirinhos que vinham a cantar.

— Realizou-se, no passado dia 22, na igreja paroquial, o enlace matrimonial da menina Rosa de Lourdes Gomes, ex presidente da J. A. C., com o sr. José Fernandes.

Desejamos lhes muitas felicidades. — C.

Rouças, 9

Faleceu na semana passada, no lugar de Oleiros, a estremecida mãe do nosso bom amigo sr. Duarte de Abreu, cujo enterro foi uma grande manifestação de saudade.

Os nossos sentidos pesames.

— No dia vinte e oito, foi baptizada na nossa igreja, uma menina, a quem foi posto o nome de Maria Alice, filha de Albina de Pinho, de Paçô.

— Acaba de chegar de Vendas Novas a esta freguesia o querido Hilário Rodrigues, de Surribas, tão estimado por aqui, pelas suas belas qualidades.

— Durante nas dias, estivemos sob o rigor duma ventania furiosa, chegando agora, e parece que definitivamente, a chuva que tão precisa era. Estamos pois em pleno inverno.

— Partiu para um dos hospitais do Porto o nosso amigo, sr. João Baptista Vaz, que ali se foi sujeitar a uma operação. Sabemos que felizmente correu bem.

— Teem sido aqui mu-

to comentadas as mortes daqueles quatro rapazes abatidos em Espanha, por motivos de contrabando. — Desejamos a todos os nossos leitores uma Boas Festas de Natal e de Ano Novo e Deus permita que cheguemos... ao Novo Ano.

Chaviães, 9

Após seis meses de convívio com sua família, regressou a Lisboa o jovem Carlos Alberto Atonso. Vai, se a saúde permitir, continuar a servir a nossa marinha de guerra e a exercer o apostolado dum verdadeiro militante da J. O. C. no meio de seus camaradas.

Durante a sua estadia nesta freguesia empenhou-se em levantar os organismos da juventude Católica que o viram partir com saudade.

Que Deus proteja tambem apóstolo da causa católica e o comule de imensas felicidades. São estes os votos dos seus amigos.

No mês passado, certa noite, quando o Sr. Armando Miguel de Carvalho se dirigia para sua casa, depois de passar um pouco com seus parentes da Fonte, foi espancado por um homem, que diz conhecê-lo, causando-lhe várias contusões na cabeça e corpo. Aos gritos da vítima acudiram várias pessoas que lhe prestaram seus serviços, não conseguindo ver o agressor.

— Os serões neste ano e nesta freguesia vão em maré alta. Parecem ter o consentimento das autoridades, o que causa estranheza às pessoas de bom senso. Bom era que a guarda republicana fizesse umas rondas à freguesia e escutasse o que se passa nesses lugares de diversão noturna.

Terminou ontem, com missa cantada e comunhão, a novena em honra da Imaculada Conceição, que neste ano se realizou na capela de Gondufe.

Foi muitíssimo concorrida, enchendo-se a capela todas as manhãs, pelas seis horas. Agora, dentro em breves dias, seguindo o costume dos mais anos, vai principiar a do Menino Deus na igreja paroquial.

— Desde já desejamos

Boas Festas do Natal e Feliz Ano Novo a todo o corpo redactorial, correspondentes, assinantes e leitores deste jornal.

— Soubemos, quando já tínhamos redigido esta hu-

milde correspondência, que chegou hoje mesmo o jovem António Ablílio Rodrigues Cunha vindo de Lisboa onde está a prestar serviço militar.

Bem vindo seja ao seio de sua família. — C.

De quinzena a quinzena

A Flôr de Jessé

Os meus estimados leitores já sabiam que S. Agostinho compara Jesus Cristo com uma flôr? Não? Eu lhes explico:

Tendo a flôr a significação de esperança, o homem Deus é a única e verdadeira esperança do Mundo. Assemelha-o a uma flôr do campo: porque, como esta nasce sem cultivador, assim Cristo nasceu da Virgem sem obra de varão. S. Ambrosio diz que Jesus é comparável à flôr do campo: porque, em sua paixão, foi pisado, ferido e malhado, como a flôr do campo o é das que pisam por cima dela. Chzmm-lhe flôr do campo e não de jardim: porque a do jardim é só de quem a cultiva, e a que nasce no campo, todos podem gosar de la

Cristo é flôr do campo, que para bem de todos, veio do Céu à terra, para todos nasceu no presépio de Belém, por todos se sacrificou, para todos está no céu, para todos se acha no sacramento da Eucaristia. E' flôr em que está toda a graça e esperança da vida. Dela nos havemos de sustentar, estando certos, como diz o apóstolo S. Paulo, de que, se Deus nos deu o seu único filho, esperança, com ele nos há-de dar tudo mais que tem para nos dar.

Aqui está, caros leitores a semelhança de Cristo com a flôr do campo.

Longo Vales Monção

Alfredo Rodrigues Ribeiro

Aniversário Loduvina

Martins

Dentista

Consultas em Monção todas as Sextas e Sábados.

Na Livraria do «Diário do Minho»

encontre V. Ex.ª cis o melhor sortido de

Livros escolares, Tecnicos, Literários e religiosos revistas nacionais e estrangeiras

Artigos de papelaria

Um grande sortido de canetas de tinta permanente

AS TIPOGRAFIAS

Tipógrafo oficial, compositor de cheio, tabela e fantasia, sabendo de impressão, oferece-se. Dirijam-se a Alfredo José Rodrigues — Longos Vales — Monção.

Cartas de Longe...

(Continuação da 1.ª página)

po, explorou-se minério, mas hoje conta, apenas, a Lavaría e as Oficinas. Depois do Rio, transposto o Zézere por bellissima ponte de cimento armado, a estrada inicia a ascensão lenta e difficil da montanha. Os motores gemem na subida e em cada volta espreita-nos um precipício. Mais uns passos, e eis-nos na Aldeia de S. Francisco de Assis, risonha e cheia de graça, vista de fesa, como quase todas as aldeias da Beira, há pouco, ainda, chamada «Bodelhão»; nome que lhe puseram no berço. O povo, porém, com o Pároco à frente, entenderam baptizá-la de novo, impondo lhe nome mais bonito. Daqui para a Barroca, a viagem torna-se, mais custosa e cheia de perigos. A estrada inclina-se, ainda mais, contorce-se em voltas, em zig zags, enrosca-se à montanha, como serpente colossal. Mas a Barroca, lá, está, toda branquinha e mimosa a convidar-nos a descansar. Vive muito aconchegada, quase como criança em regaço. A Panasqueira, terminus da viagem, encontra-se um pouco mais acima, por de traz da serra, de costas voltadas, tal qual a mãe que despreza os filhos. Mas elas, embora não se vejam, falam, amiude, todos os dias.

Esta é, em traços rápidos, uma das etapas da longa viagem que fizemos todos nós que, de terras distantes, aqui viemos parar, viver esta vida dos Minas. Como não podia deixar de ser, é uma vida de aldeia, pacata, mas onde não falta uma pontinha de má lingua de curiosidade nunca satisfeita, onde há sempre uns olhos que espreitam e vigiam os passos do semelhante, os gestos duma cara nova.

Ma s compreende-se e explica-se. É uma fuga ao ramerrão de cada dia à rotina que fatiga e cansa. Não é estranho, portanto, que se levante um boato, se elimente até ao inverosímil.

A propósito, contarei um caso hilariante, que se deu há poucos dias.—Um avião sobrevoava a serra na direcção Sul Norte e, por coincidência, expeliu uma columna de fumo no momento em que, transpondo o cume da montanha, parecia, como, aliá, sempre parece, aterrar ou cair do lado opposto. O conspicuo vigia que da Barroca, por mera curiosidade, seguia o vôo do

aparelho, qual marinheiro, experimentado, no cesto Govea, ao ver ilha ou navio, exclamou: *Avião caído na Serra*. Em breves momentos, a Barroca inteira, alvoroçada, fervia de curiosidade e de emoção. E uns por verem, outros por humanidade, acorreram à chamada. Engenheiros, técnicos, em pregados e operários, a quem umas horas de folga não prejudicavam o bom funcionamento do fgado e dos serviços, deixaram as suas occupaões. O Hospital, acudiu, na primeira fila, com os socorros de urgência. Uns iam de carro, outros a pé, outros, ainda, de caminheta e os mais apressados perguntavam aos que ficavam para traz: então, o avião? Invariavelmente, estes respondiam: *eu não o vi, onde, mas parece ser ali*, e indicavam, com o dedo, um ponto imaginário. Pois se houve, até, quem, dentro do automóvel, olhando através dos

vidros, onde uma pequenina mancha escura se fixara, julgasse este mosquito o avião calcinado na serra, levando-o a exclamar: «Que grande bisarmanha!! Assim, esta caravana, que parecia fugir a uma invasão, trepou ao alto da Serra, na ansia de ver o que não viu: um avião em destroços. Quando, por isso, desiludida, depois de ter olhado ao perto e ao longe, espraçando a vista pelos vales e cabços, foi regressando ao ponto de partida, alguém notou e eu confirmo, que teve pena, porque a maldade humana a tanto chega. Recolhi para testemunho, a palavra de um. Fora dos últimos a chegar. Vinha esparvorido, estalfado da corrida louca, da maratona. Mas, quando lhe disseram que não havia nada, que o avião passara e não caíra, indignado exclamou: «*Ora bolas! E vim eu cansar-me, estafar-me, para isto! Que pena não ter caído!*»

NATAL

Festa da Família. Festa do rico, pobre e remediado.

Naqueles célebres dias em que a crença nos ensinou a conhecer o Mundo cristão, todos se contentavam com o muito, com o pouco e com o nada.

O rico, sempre arfante e contente porque a vida lhe sorri, na tradicional noite de consoada, alegrase de ver na sua mesa de jantar boas e belas iguarias, regadas com o fino vinho e bons doces!

O remediado, esse já por si habituado a passar os dias 24 e 25 de Dezembro com umas refeições melhoradas, esse vai-se contentando com aquilo que ao suor de seu rosto lhe advém.

O pobre!... — esse, infeliz dos infelizes, que com nada se contenta. Unicamente se lembra que aqueles dias são dias de festa, mas... não para elle!

E' dia, sim, de festa para ele, mas de crença no Deus Messias que acaba de vir ao Mundo para ao Bem, o exemplo da Caridade.

Jesus nasceu pobre e pobre morreu. Por isso o

pobre, aquele mendigo de porta em porta e aquele que não pede por vergonha, lembram-se desse passado tradicional e levantam as suas mãos ao Céu e oram para que o Recém-nascido, Jesus, filho de Maria, a pura flor de todas as Mulheres, o ajude a prosseguir na sua luta de peair aquilo que a outros lhes sobre.

Que o Divino Mestre olhe para estes últimos infelizes com o seu divino Coração cheio de caridade, e que por eles olhe sempre, para que mesmo de porta em porta e nos seus lares envergonhados, alguém os bafeje com a caridade, nestes dias tão notáveis em todo o Mundo! Para estes apelamos, em seu nome, para todos aqueles que alguma coisa possuem, que se lembrem nestes dias que se aproximam dos pobresinhos sem lar nem pão, e dos que com o lar apagado não tem um pouco de pão nem uma sôpa quente,

Natal de 1948.

Longos Vales—Monção.

Alfredo Rodrigues Ribeiro

Notas do meu caderno...

A nossa fé!

bem como o nosso firme propósito de sermos guiados em todos os nossos trabalhos pelos ensinamentos de Cristo e de nos esforçarmos por conseguir na Irlanda uma ordem social, baseada nos princípios cristãos.

Admiramos o grande progresso que se nota nos E. U. da América do Norte. Não é só o país da bomba atómica, não. E' certamente o país mais progressivo do mundo, onde são muitíssimos até os operários que têm seu carro privativo.

Pois tem sido até muitos os convertidos à fé católica e vivos os progressos religiosos.

Realizou-se, ainda há pouco, na cidade de Boston, uma grandiosa procissão, em que tomaram parte activa, CENTO E TRINTA MIL pessoas, como membros de organismos religiosos. Pois foram TRÊS MILHÕES os assistentes a essa grandiosa manifestação de fé e a procissão saíu de manhã, para regressar só à noite, tantas eram as pessoas que nela tomaram parte.

Um dos grupos mais aclamados, foi o de 2.000 polícias, idos de Nova Iorque, que impressionaram pelo seu garbo, marchando ao som da própria banda e com um dos seus capelães.

O Delado foi vivamente aplaudido.

Miroflores

Aquella casa de Miroflores, aqui em Espanha, é a sedução de muitas almas.

Ainda recentemente tomaram hábito de simples religiosos duas altas figuras que no mundo se podiam chamar grandes... O almirante Montojo, norte-americano, e o professor da Universidade de Washington, Dom Tomás Moore.

Pois ali vivem hoje na simplicidade de humildes frades da mais rigorosa das ordens masculinas, servindo e amando a Deus, assim, à maneira de D. Nuno Alvares Pereira, o nosso condestabre, que depois de servir a Pátria e de a tornar grande, se recolheu também a um convento, em Lisboa. A paixão de certas almas grandes...

Um Governo

Preside desde há pouco, o novo governo da Irlanda, o Primeiro Ministro, João A. Castello.

Ao tomar posse de seu elevado cargo, mandou ao Santo Padre esta mensagem, que é na verdade, lindíssima:

— «Ao tomarmos posse dos nossos cargos e nesta primeira reunião de gabinete, desejamos os meus e eu, depois aos pés de Vossa Santidade a afirmação da nossa lealdade filial e da nossa devoção a Vossa Augusta Pessoa,

Encanta-nos a todos esta maneira de falar, sem rodeios, nem respeitos humanos, de homens numa posição como esta.

O católico, que o é de verdade, leva a todas as suas conqúencias, os seus princípios religiosos, numa absoluta e perfeita dignidade de vida.

Melgaço, festa da Padroeira

Um filho de Melgaço

(Continuação da 1.ª página)

de ensino superior, o Seminário da Luz, em Lisboa, uma coisa o prende e enomora neste mundo de tanta miséria:—*ser Missionário, servir a Deus!*

Publicamos a sua fotografia. E que os grandes e os humildes, a gente boa da nossa formosa terra se reveja nesta florinha, colhida num lar pobre, pela mão de Deus, certamente para altos voos de água...

E pedimos a Frei Adriano que reze por nós e nos perdoe que publicuemos sem licença alguns trechos duma sua carta para o Pai:

«Por esta, saberá que farei a minha profissão solene no próximo dia oito (Dezembro) dia em que para sempre me consagrarei totalmente ao Senhor pela solene e perpetua emissão dos Santos votos de pobreza, obediência e castidade. Peçam ao Senhor que me dê forças e coragem para levar até ao fim da vida o estado que nesse dia me vou propor definitivamente».

A Frei Adriano, novel missionário, a nossa admiração e o nosso abraço!

Falecimentos

Já se eleva a quatro o numero de mortos recentemente na fronteira de Espanha por motivos de contrabando.

Aos nossos assinantes

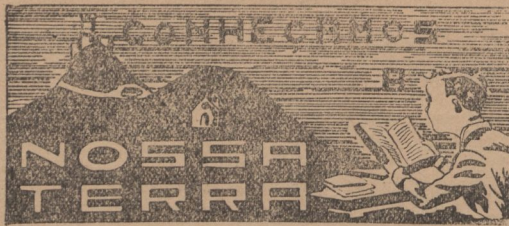
A Correspondência ao nosso pelo, feito no último número, para que os assinantes façam o sacrifício de continuar a pagar 20\$00 anuais pela assinatura de «A Voz de Melgaço» caiu bem em toda a parte.

Não sabemos como agradecer aos nossos queridos assinantes de «A Voz de Melgaço» o carinho com que a tratam e a encorajam.

Queremos um jornal bom e para isso, continuamos a pedir, a todos os assinantes o favor:

- 1) de pagarem 20\$00
- 2) de pagarem, sem esperar aviso da Administração, para não gastarmos despesas no correio
- 3) de enviarem o dinheiro ou de o entregarem ao rev. mo sr. P. Justino Domingues, na Vila de Melgaço.

Pegou o assinatura referente ao ano de 1948 o nosso prezado assinante Estêvão Cerdeiro Lucas, de Lisboa.



XXXIII Castro Laboreiro O FORAL DE D. SANCHO I.

Como disse no artigo anterior, não posso precisar a data em que D. Sancho I passou em Melgaço e possivelmente em Castro Laboreiro, mas há elementos para supor que fôse no último lustro do século XII. Com efeito, conforme se pôde ver na *História de Portugal* de Alexandre Herculano, na de Luiz Gonzaga de Azevedo e na *Monarquia Lusitana*, ao descreverem os sucessos do ano 1197, D. Sancho invadiu a Galiza e tomou a cidade de Tuy, submetendo se outras terras ao seu domínio, como Pontevedra, Lómbos etc. Melgaço e Castro Laboreiro estão entre Pontevedra e Lómbos, portanto, sabendo nós que o Rei esteve em Melgaço, é fácil de crer que tenha estado em Castro Laboreiro onde já tinha estado também D. Afonso Henriques seu pai. Seria, talvez, neste ano que concedeu o dito foral, pois no mesmo ano, de 1197 concedeu outro ao Mosteiro de Longos Vales, segundo referem vários autores, por o Prior D. Pedro Pires ter custeado a construção da fortaleza e torre de Melgaço. (Franklin não menciona este foral.) Fosse como ou quando fosse, pouco importa, o certo é que o foral foi concedido, e as Inquirições de 1258 arquivaram-no nos seguintes termos que transcrevo, actualizando a escrita:

Item, em Castro Laboreiro, freguesia de Santa Maria, João Pais prelado, Mendo Pires juiz (e outros moradores cujos nomes citam) ajuntamentos disseram que El Rei é patrono e senhor desta Igreja. Item, mostraram nos carta de El Rei D. Sancho I, que fazem ao Rei tais foros, a saber: quando El Rei fôr à vila Laboreiro dão-lhe de cada casa dois pães e seis telgas de cevada; não pagam ao Rei senão homicídio, rouço e merda em boca, e por cada um destes crimes dão de cada casa cinco dinheiros; de roubo e furto, de quanto a suas mãos vem dão ao Rei o quinto. Se alguém lhes fizer furtos ou sem direito os penhorar, a pehoria que estes homens de Laboreiro por seu furto tomarem, tenham sua entrega por ela, e da que ficar dam quinto ao Rei; de quanto mercam em todo o Reino não pagam portagem; quando El Rei ou o Senhor da Terra quer ir correr monte vão com ele três vezes no ano e não mais, e dão-lhes reção enquanto com ele andarem. Quem quizer a estes foros vir venha em paz, e quando se quizer ir de dois quartel ros de pão por jugada.

(Portug. Monum. Hist. — Inquisitiones I.378).

Ao ler este documento acon-tece-nos como disse a respeito do anterior. Fica a gente sem perceber muitas coisas, porque as usanças de nossos dias são bastaste modificadas das desses recuados tempos. Na medida do possível, segundo o que tenho podido aprender na leitura de obras que tratam das antiguidades, vou explicar este documento, a que as inquirições chamam carta, nome que era dado nesses tempos aos documentos, *carta de foro, carta de doação*, etc., usando se também o termo *testamento*.

Com o andar dos tempos a *carta de foro* ficou a chamar-se apenas *foral*.

Prelado era a designação do pároco de qualquer igreja naquelle tempo. Com o andar dos tempos ficou esta designação apenas aos Bispos.

Juia de que se faz menção era o de Valadares, a cujo julgado pertencia Castro Laboreiro que então não gozava ainda de autonomia concelhia como mais tarde aconteceu. E' de notar que nas Inquirições do Julgado de Valadares interveio o juiz Martinho Pais nas freguesias junto ao rio Mouro e do rio Minho até ao Mosteiro de Paderne. Nas freguesias seguintes, que constituíam o Couto de Melgaço, e do Mosteiro de Fiães não se menciona qualquer juiz, e depois em Castro última freguesia, apparece-nos este novo juiz Mendo Pires, talvez porque o Martinho Pais tenha falecido ou sido substituído.

O Rei era *patrono e senhor* da Igreja, queira dizer que, como tal, recebia os foros da freguesia e intervinha na nomeação do pároco.

Foros eram a quantidade de frutos ou animais que se pagavam ao Rei ou a quem tinha na terra o domínio directo, e outras obrigações que recaíam sobre os moradores de cada localidade.

Bem pequenos eram os foros em Castro Laboreiro, attendendo a que o povo tinha o seu castelo a defender em

tempo de guerra, no que eram ajudados pelo moradores de Riba de Mouro (que incluía Gave e Parada do Monte).

A *cevada* era cultura muito usada e apparece mencionada em muitos documentos antigos.

A *lega* era a medida de cereais usada hoje o alqueire e a rassa. Na Galiza ainda se usa a *lega*.

Aqueles três crimes de que nos fala o documento eram chamados antigamente *crimes nefandos*, por serem os mais graves. Poucas eram as terras em que os Reis prescindiam das multas a receber desses crimes. *Rouço* era o abuso de uma mulher por violência. O outro crime a seguir, assim nomeado em muitos documentos e em outros pelas expressões de *estercor em boca ou lixo em boca*, mostra-nos a que pontos chegava a maldade de nossos antepassados com o seu semelhante. Deste modo de proceder ficou herança no modo de falar da gente da rua (e por vezes sem ser da rua). Umavez se cometia o crime por vingança cutras por mera brincadeira de mau gosto e manifestação de baixos instintos. Como disse no artigo anterior, aqui eram estes crimes castigados de modo colectivo: todas as casas pagavam multa quando houvesse na terra qualquer destes crimes. Em outros forais da época apparece estipulado o mesmo castigo colectivo.

De *roubos e furtos*, quando recuperassem as suas coisas roubadas, do que recebiam (além do roubo deviam receber qualquer indemnização) davam ao Rei uma quinta parte. No caso de saberem quem os tinha roubado, ou no caso de alguém lhes ter levado pehora injustamente, isto é, por crime de que não eram culpados, os homens de Laboreiro podiam tomar pehoria, pela qual obrigassem aquele que lhes tinha feito roubo ou tomado a pehoria injustamente (que logicamente é roubo também) a fazer entrega daquilo que lhes fôra roubado ou tomado injustamente.

Pehoria era o arresto ou embargo sobre coisas ou bens, mesmo antes de ir para a Justiça. Assim o queixoso se garantia de que o reu appareceria para ser julgado e cumprir como fôse sentenciado.

Portagem era um directo real, também conhecido pelo nome de *portadigo*, semelhante ao moderno imposto da entrada de barreiras, isto é, era um imposto que se pagava quando a mercadoria entrava em qualquer terra que tinha jurisdição sobre si. A *Excussão Portuguesa* de Maximalino de Lemos, a pág. 804 do vol. 80, na palavra *Portadigo*, menciona cinquenta e três terras que eram isentas deste imposto, por privilégio que os primeiros Reis concederam.

Cerer monte, ou fazer montaria, era ir ao monte cercar. Os que iam tinham direito à reção, isto é, a mantimentos. Quem quizesse ir para Castro Laboreiro, onde o espaço vital era largo, como ainda hoje (a freguesia tem quase metade da área do concelho de Melgaço) podia ir livremente, em paz, para cultivar os montes. Quando se retirasse tinha de pagar o imposto de *jugada*, que incidia sobre as juntas de gado que usavam o sobre cada porção de terra para cuja cultura se julgava precisa uma junta de gado.

Desculpem os leitores este *arruquinho* de léguas e meias e aceitem os meus votos de BOAS FESTAS E ANO NOVU MUITO FELIZ

tesca pela vida ganhando o pão para seus filhos que lentamente vem subindo o íngreme caminho da existência.

Muitos foram obrigados a abandonar a Pátria, procurando lá longe o sustento para si e para os seus. A todos tenho presentes, nesta hora de saudade.

Neste ponto como em tantos outros o povo castrejo foi sujeito a sacrificios heróicos, que todos suportam com resignação e esperança.

Lá andam os homens honrados de Castro: trabalhando, para poder viver decentemente.

Bem os quizeriamos ver no seio dos seus lares, e na intimidade dos seus.

Mas, enquanto o mundo não evoluciona para melhor, resignamo-nos e esperamos por um futuro prometedor.

A todos os que lá longe trabalham honestamente, procurando cumprir o seu dever na sociedade, desejamos um Natal muito feliz, como quando eram pequeninos.

Castro, 14

ALBERTINO

Bernardo Pinheiro

NATAL Quadra de Saudade

Belo tempo o do Natal, que povoa o espirito de meigas recordações, e dá lugar ao sentimento, numa diastole de saudade sem fim.

São, na maior parte, recordações da infancia, alegres e despreocupada, mas demasiadamente rápida. Única época da vida, em que o homem é verdadeiramente feliz. Era então que em bando, corriamos pela aldeia, ateando enormes e simbólicas fogueiras nas encruzilhadas dos caminhos, e fazendo rolos de neve no adro da nossa Igreja.

Tal desporto de inverno, terminava quase sempre com uma violenta fuzilaria de bolinhas de neve, cujo efeito era mais surpreendente que batalha de flores. Com que ternura em dia de Natal, beijamos o Deus-Menino que reclinado nas frescas palhinhas do berço, nos sorria meigamente. E sentiamos-nos imensamente felizes, ao deixar cair um pequeno óbulo, no mealheiro do Menino que a nossa pueril imaginação destinava a adquirir fofos agasalhos com que o pequenino Jesus se defen-

dia do frio terrível do Inverno. Coitadinho, assim despedido, deve sentir muito frio — pensávamos, na nossa simplicidade de crianças!

Jámais se nos esvairá da mente, por mais caprichosa que seja a trajectória do futuro e mais violentos e prolongados os choques da vida, a imagem doirada do presépio que em pequenos vimos, através dum prisma de cores, de poesia e de encantos.

Tudo em nós evoca saudades, mesmo a bela impressão que experimentávamos, quando nas manhãs de inverno, ao levantar, dávamos com as montanhas alvejantes de neve, como se um manto de candura envolvesse toda a terra, depois de banida a maldade do mundo.

Quando criança, sentíamos o coração partido de dor, ao vermos gravadas na neve, as pégadas nuas dos pobres que erravam pelos caminhos da aldeia mendigando o seu Natal de porta em porta.

Mas esta quadra tingese de beleza indiscutível, pelo carácter familiar e íntimo das festas do Natal. No lar não

há lacunas, nem á lareira, onde os avós narram histórias fantásticas, prendendo a atenção dos netinhos inquietos horas a fio, nem á mesa, onde era servida a lauta e tradicional ceia de 24 de Dezembro.

De tudo isto, e de tantas outras coisas de que a tradição nos fala, jámais nos esquecemos. Não há memória tão fraca que seja incapaz de reter recordações tão belas; nem amnésia tão profunda que consiga arrançar do nosso espirito o que então vimos e ouvimos.

Mas a vida cria precosidades imprevisitas, e o mundo toma por vezes matizes carregados.

E essa família, que vimos aconchegada, no recinto sagrado do lar é desconjestionada pelos imprevistos da sorte. São vidas ceifadas pela morte, produzindo nos corações e nos lares vácuos profundos e insubstituíveis. Mas nem só a morte tinge de perto a fachada do lar. Também as grandes ausências fazem sangrar os corações, e brotar das almas pungentes saudades.

E quantos Melgacenses se encontram longe dos seus lares, travando luta gigan-